

OS BAIANOS SE VESTEM DE DOURADO(S): ELEMENTOS IDENTITÁRIOS NA COMPOSIÇÃO RITUALÍSTICA DA GIRA DE BAIANO NOS TERREIROS DA CIDADE DE DOURADOS – MS.

CASALI, Rodrigo (UEMS-UNIDERP)

Em parte, dissertação de mestrado, que defendi em dezembro de 2006, este trabalho tem por objetivo discutir através de seus elementos identitários, o aspecto religioso de uma entidade – diga-se uma das mais novas no panteão umbandista – Os baianos. É também uma análise da presença da gira de baiano enquanto produto do diálogo entre a Umbanda e o meio social.

Uma primeira questão a ser observada é a maneira que se insere a constituição desse ritual no contexto histórico - outros pensadores como Souza (2001), Prandi (2001), tem também apresentado estudos nessa temática e relacionados à essa perspectiva histórica, tornando claro o diálogo da Umbanda com o meio social.

Não diferente dessa perspectiva, eu faço a reflexão acerca dos elementos compósitos da gira de baiano de acordo com o contexto histórico, afinal, os símbolos constituintes de sua liturgia dialogam com o processo histórico das migrações nordestinas do início dos anos 40 e 50 do século XX.

A gira de baianos que analisei como parte da minha dissertação de Mestrado está limitada à cidade de Dourados – MS, é por esse motivo que o título da pesquisa se apresenta com “*Quando os baianos se pintaram de Dourado(s)*” e o presente trabalho intitula-se *Os baianos se pintam de Dourado(S)*.

É uma provocação inicial para esse entendimento a respeito das novas particularidades presentes na Umbanda, pois, *Os baianos se pintando de Dourado(s)* deve ser visto na condição de uma metáfora que busca caracterizar essa gira – ritual – como uma das principais dentro da religiosidade douradense.

Desse modo, o *pintar* é quase um vestir a cultura de Dourados, ou o que a cidade tem a oferecer, não em termos culturais apenas, mas de sobrevivência, de amparo para o começo de uma nova vida, visto que essas entidades estão relacionadas com o processo migratório nordestino em Dourados.

Dourado(s) tem uma conotação ambígua, pois: *Dourados* refere-se particularmente a cidade - o limite do objeto dessa pesquisa -, enquanto *Dourado* refere-se necessariamente à cor dourada - como símbolo de esperança, de uma nova vida - para esses migrantes nordestinos. Para a Umbanda, o surgimento dessa nova

entidade, é visto como um caminho que vai em direção a inserção social dos grupos marginalizados.

No contexto de desenvolvimento urbanístico e industrial do Brasil, é entre as décadas de 1950 e 1960 que a Umbanda se firma em São Paulo (MONTES, 1998), a capital se transforma no alvo de um grande fluxo migratório, tornando-a uma das maiores metrópoles. Várias frentes desse fluxo migratório se fazem presentes, em especial os Nordestinos, que vêm para trabalhar na construção civil (SANTOS, 1996), na indústria automobilística, ocupando os vários postos de trabalho não qualificado.

Por essa trajetória, o nordestino passou a constituir um imaginário ligado ao trabalho duro, à pobreza, ao analfabetismo, à periferia, quem leva um vida precária:

Assim como o oriental é indiscriminadamente rotulado de *japonês*, o nordestino é o *baiano*. Na vida cotidiana da cidade se percebe o caráter negativo dessa designação: “isso é coisa de baiano”, “que baianada você fez” (SOUZA apud PRANDI, 2001, p.308).

Sendo pejorativamente chamado de baiano, como alguém que só faz coisas erradas passou por isso a ser marginalizado nesse novo meio social que se constituía no momento.

No mesmo período, da década de 1950, a Umbanda deixa de ser perseguida e à medida que suas raízes foram sendo difundidas pelas regiões do Brasil, e uma série de transformações passa a ocorrer nos segmentos político, econômico e social, ela passa a absorver em seus cultos novos elementos, sobretudo os personagens em que sua presença se constituiu na composição de uma nova entidade: os Baianos.

A Umbanda, caracterizada por cultuar figuras nacionais associadas à marginalidade, à condição subalterna das classes populares, sobretudo, se comparadas com a categoria branca e elitizada, nesse momento de transformações, passa a agregar mais um componente para versatilizar o seu *continuum* no espaço sagrado e público.

O nordestino é o “subalterno” dessa nova metrópole, o tipo social “inferiorizado”, “atrasado”, mas por outro lado, também símbolo de luta e resistência, logo, na carnavalização que a Umbanda faz do teatro social vigente, o Baiano passa a ser o representante da força do fragilizado, aquele que pela sua trajetória de vida desenvolveu o caráter da bravura, ao mesmo tempo irreverente, tornando-se uma das principais entidades dos terreiros de São Paulo.

Desse modo, a entidade Baiano simboliza esse nordestino, desterritorializado de seu ambiente, sobretudo o ambiente rural em que vivia no nordeste e que agora

passa a viver no meio urbano, industrializado, tendo que enfrentar uma nova realidade, um conjunto de relações sociais que lhe é de primeira vista totalmente alheia a sua realidade.

É necessário então a ressignificação das antigas práticas, a superação dos obstáculos oferecidos pela sociedade industrial para, garantir a sua sobrevivência no novo mundo.

É nesse contexto que os novos personagens na Umbanda aparecem em seus cultos, construindo um novo espaço sagrado, uma nova liturgia.

A história das entidades nos terreiros douradenses está fortemente ligada, como a história de São Paulo, do processo migratório, sobretudo nordestino. A região também recebeu várias frentes de colonização: mineiros, paulistas, sulistas e nordestinos - cabendo a estes a ocupação do espaço mais inferior que havia no teatro social aqui constituído.

O desenvolvimento de Dourados¹ se verifica ligado com a política varguista de integrar os grandes centros econômicos do Brasil às regiões mais afastadas, e nesse sentido a criação de colônias agrícolas, era na prática a realização dessa política.

Dourados receberá um cuidado especial devido as suas fronteiras com o Paraguai. Logo, a criação das colônias agrícolas pela política varguista passa a atender uma outra necessidade: diminuir as tensões sociais que haviam nos grandes centros devido ao êxodo rural, e também melhor guarnecer as fronteiras, devido a “política coronelista” representada pela Companhia Erva Mate Laranjeira, presente na região.

Nasce dessa maneira a Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, que absorveu grande fluxo migratório nordestino, que vindos de São Paulo, buscavam melhores condições de vida, ancorados pelo cerne de esperança, presentes nos discursos de Getúlio Vargas.

O migrante, nordestino, mediante as condições de solidão, a sensação de desespecialização, desterritorialização e a falta de referências vividas por ele que estabelecem nesse espaço são constantes, assim, passam a assumir a

¹ Sobre a história de Dourados e Mato Grosso do Sul, Cf. CAMPOS, Fausto V. **Retrato de Mato Grosso**. São Paulo. 1960; RICARDO, Cassiano. **Marcha para Oeste**. 4 ed. Rio de Janeiro. José Olympio. Edusp. 1970; GRESSLER, L. A.; SWENSSON, L. J. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul**: destaque especial para o Município de Dourados. [Dourados], 1988; QUEIROZ, Paulo R. Cimo. **Uma Ferrovia entre dois mundos**: A. E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do Século 20. Bauru, SP: EDUSC, 2005; OLIVEIRA, Benícia Couto de. **A política de colonização do estado novo em Mato Grosso (1937-1945)**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) UNESP/Assis.

responsabilidade de construir neste espaço, a cidade, um processo de identificação garantindo sua inserção social (SILVA, 2000).

No que se refere a Umbanda, essa nova entidade, contribui para a ampliação de seu teatro social, de seu processo representativo enquanto um trunfo versátil para dar conta das novas exigências impostas pelo social, como no dizer de Ordep Serra (2001, 316):

Mais do que qualquer outra entidade do panteão, o baiano alia-se a orientação de conduta à manipulação do mundo. Por isso tem prestígio junto às classes médias e aos segmentos populares, pois ajusta-se tanto ao estilo sério, manso, sóbrio, quanto zombeteiro, arredo, valente [...] Enfim, entre o terapeuta moderno e o xamã tribal, essa entidade espiritual, como um camaleão, representa de fato um triunfo versátil da Umbanda.

Assim, se o nordestino por suas qualidades de teimoso, alegre, foi importante para a implantação de uma política que necessitava justamente de qualidades *vis* para desbravar as áreas ainda pouco povoadas do interior do Brasil, muito se pode aproveitar da entidade, nos terreiros, uma vez que as qualidades contribuíram para ampliar a atuação da Umbanda no cenário nacional.

Mas o sucesso dos novos personagens não está somente limitado a Umbanda, mas aparece também em outras expressões afro-brasileiras.

Alguns estudos como da Patrícia Ricardo de Souza e Reginaldo Prandi (org.) (2001), sobre a encantaria de Mina em São Paulo, que recupera a história do Tambor de Minas, religião afro-brasileira nascida no Maranhão, também mostram que em sua prática litúrgica existe a presença de uma entidade chamada Baiano.

As entidades que são conhecidas como Caboclo Baiano, mas não se reconhecem como originários do estado da Bahia, mas de uma baía encantada, no sentido geográfico do termo, porém, segundo esse estudo eles se apresentam com características muito próximas dos Baianos da Umbanda, pois são brincalhões e muito falantes, se mostram sensuais e sedutores.

Quando os autores (PRANDI; SOUZA, 2001) recuperam a genealogia de algumas famílias dessa falange de encantados, eles observam que alguns desses personagens também aparecem na Umbanda, como é o caso do Mané Baiano, que segundo os autores foi o encantado do falecido Manoel de Poli que havia sido iniciado na Mina e que depois passou a tocar Umbanda; o seu Mané Baiano tinha uma postura bem umbandista, se distinguia apenas por não comer em terra.

Silvino, que hoje desce na Casa de Tóia Jarina, um dos primeiros terreiros fundados em São Paulo, é um encantado que tem origem na Umbanda, e é famoso na Mina por possuir uma postura de Caboclo da Umbanda.

Corisco é, ainda segundo a autora, um Baiano que aparece no Tambor-de-mina, na Umbanda e no Candomblé de Caboclo e entre os mestres da Jurema.

Rita de Cássia é uma baiana encantada que desce também na casa de Mina, mas que é de origem Umbandista.

Maria do Balaio, muito famosa no Tambor-de-Mina, mas sua procedência é da Umbanda, inclusive na Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá em Dourados, uma das Baianas que ali trabalha, sobretudo com feitiços para o amor é nomeada por ela mesma de Maria do Balaio.

Essas equivalências e origens presentes entre as entidades são importantes por que mostra a dinâmica que prevalece entre as religiosidades de origem africana.

Os autores Prandi e Souza (2001) o Tambor-de-Mina vem se reproduzindo no Rio de Janeiro e em São Paulo através do processo migratório. Os primeiros terreiros dessa expressão aparecem já em São Paulo a partir de 1970.

O importante a frisar nessa questão é que as entidades ao palmilharem de um lugar a outro, ganharam espaço na constituição de uma outra forma de expressão das religiosidades afro-brasileiras.

O princípio constitutivo de sua personalidade traduzido pelo caráter de teimoso, alegre, falante, se manteve nessa nova roupagem chamada Encantaria de Mina.

O sucesso dos personagens nos terreiros se explica pelo fato de que eles realizam um tipo de trabalho que entidades como Caboclos e Pretos-Velhos não realizam.

De um modo geral os Baianos são tidos como pessoas alegres e teimosas. Os freqüentadores do culto de Umbanda e em especial dessa gira, afirmam que são bons no feitiço porque mesclam características da esquerda e da direita, como se fossem “exús transfigurados em anjos de luz” (SOUZA, 2001, p.309).

Sá Júnior (2005), se refere a esse caráter associado ao exú como sendo uma característica *trickster* dos Baianos, ou seja, brincalhão, zombeteiro e que se coloca na fronteira entre o bem e o mal. Para o autor, o Baiano também é associado ao malandro da Bahia, mas também ao cangaço.

O Baiano nesse sentido assumiu na Umbanda o papel do negro ou o mulato das cidades litorâneas da Bahia, passando a constituir o produto da força desses dois locais, como sugere um dos pontos cantados nas giras:

*Bahia oh! África
Vem cá,
Vem nos ajudar.
Força baiana
Força africana,
Força divina,
Vem cá, vem cá..*

Pelo ponto cantado nas giras, essa entidade assume essa dupla originalidade, ou seja, a africana e a baiana. Mas a sua associação por outro lado com a cultura nordestina de um modo geral, o aproxima do Boiadeiro, o trabalhador rural que lida com o gado que também foi apropriado pela Umbanda enquanto entidade, desse modo, enquanto o Boiadeiro é assimilado dentro de uma mestiçagem ao mundo do caboclo indígena, o Baiano é assimilado ao mundo do negro africano. Enquanto que o Boiadeiro se comporta de forma sisuda, o Baiano é alegre, festivo, malandro (SOUZA, 2001).

O Baiano também tem a fama de grande feiticeiro, de grande “macumbeiro”, porque a sua capacidade para desmanchar as demandas é muito grande, conforme o ponto cantado:

*Eu quero ver o Baiano vim da Aruanda,
Trabalhando na Umbanda,
Pra a demanda não vencer*

As demandas são traduzidas como aquelas temidas magias maléficas, por isso esses Baianos atuam às vezes também na prática da quimbanda. O que remete a um caráter duplo, de trabalho voltado para a *direita e esquerda*.

Essa dualidade – de direita e esquerda – presente nos rituais se explica porque encontram entidades que trabalham na confecção de feitiços, quebrando o coco, desfazendo as demandas e daí a sua ligação com a quimbanda, a macumba (*esquerda*) e, entidades que atuam mais na área dos conselhos, dando passes e conversando com as pessoas que os procuram (*direita*).

O mais importante a dizer sobre essas entidades é que elas trazem como característica a capacidade de uma forte identidade e adaptabilidade, seja com a cidade, o terreiro, por isso, os seus rituais podem de uma casa para a outra, divergirem. Como tem acontecido em Dourados.

BIBLIOGRAFIA

PRANDI, Reginaldo. Religião paga, conversão à serviço. **Revista de Estudos históricos** – CEBRAP, n. 45, julho 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

_____; SOUZA, Patrícia Ricardo de. Encantaria de Mina e São Paulo. In: PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Nacional, [1933], 1977.

SÁ JÚNIOR, Mário Teixeira de. **A invenção da alva nação umbandista**: a relação entre a produção historiográfica brasileira e a sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960). 2004. 107f. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS, Dourados.

_____ Baianos e Malandros: a sacralização do humano no panteão umbandista do século XX. **Fronteiras**: revista de História, Campo Grande/ MS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, n. 1, 2005.

SEIBLITZ, Zélia. A gira profana. **Cadernos do ISER**, Rio de Janeiro, n. 18, 1985.

SERRA, Ordep. **Águas do Rei**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In: FAUSTO, Boris (dir.) **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, 1984, v.4.